



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA**

ISAQUE FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DA FILOSOFIA AO FILOSOFAR

**Campina Grande – PB
2014**

ISAQUE FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DA FILOSOFIA AO FILOSOFAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

**Campina Grande – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva Júnior, Isaque Francisco da.
Filosofia no ensino médio [manuscrito] : da filosofia ao filosofar
/ Isaque Francisco da Silva Júnior. - 2014.
15 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Filosofia. 2. Ensino de filosofia. 3. Metodologia de ensino
I. Título.

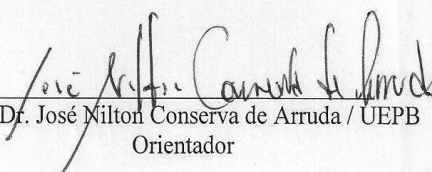
21. ed. CDD 100

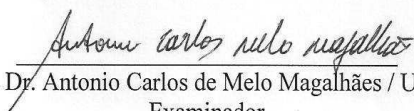
ISAQUE FRANCISCO DA SILVA JÚNIOR

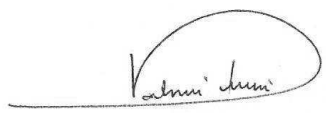
Filosofia no Ensino Médio: da filosofia ao filosofar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 11/03/2014.


Prof. Dr. José Milton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPB
Examinador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
DIAGNOSTICANDO PROBLEMAS.....	5
AS RAÍZES HISTÓRICAS DOS PROBLEMAS.....	8
FILOSOFIAS E ENSINO DE FILOSOFIA.....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

RESUMO

Neste trabalho apresentaremos uma problematização de como a filosofia tem sido ensinada e como, segundo os teóricos aqui citados, ela deveria está sendo apresentada aos alunos do ensino médio. Mostraremos parte da história Do ensino da filosofia no país, sendo que ela teve um caminho de altos e baixos e idas e vindas ao ensino público no Brasil. O ensino de filosofia no Brasil teve sua fragilidade fundamentada na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1946, pois ela já compreendia a disciplina de filosofia como de pouca importância, e com o passar dos anos deixou de ser obrigatória nos vestibulares e na grade curricular. Analisaremos também o debate histórico entre as opiniões de Kant e Hegel de como deveria ser o ensino de filosofia, pois para eles em suas perspectivas filosóficas, este ensino requer um cuidado a mais pelo teor nele contido. Argumentaremos a favor da postura de como o professor filósofo deve portar-se frente às necessidades apresentadas com o recente retorno da filosofia às escolas públicas.

Palavra Chave: Ensino Médio. Filosofia. Metodologia de Ensino.

INTRODUÇÃO

O ensino de filosofia no seu retorno a grade curricular tem apresentado certos problemas dos quais este trabalho pretende abordar de forma cuidadosa e analítica, com o intuito de partir da problematização histórico metodológica venhamos a encontrar alternativas concretas para um melhor ensino da filosofia.

Para desenvolver essa argumentação, apresentaremos ao leitor um breve panorama histórico sobre os acertos e dissabores da filosofia no Brasil do século 20. Ao longo da história a filosofia foi perdendo espaço frente às disciplinas empíricas, e em nosso país não foi diferente o percurso trilhado.

A filosofia na década de 40 já era considerada de pouca importância, e na década 60 deixou de ser obrigatória, vindo posteriormente a ser retirada de vez da grade curricular por ato da ditadura militar. Esse processo histórico é apresentado de forma a que as datas esclareçam o porquê a filosofia voltar de forma tímida e ainda estar em processo de afirmação quanto a sua importância. Acreditamos que o sucesso desse retorno depende de como os professores filósofos conduzirão esse processo. Elencamos algumas perguntas diretamente relacionadas como ensino da filosofia. Como porta-se o professor filósofo frente a sua turma? Será que está preparado para melhor transmitir o ensino de filosofia aos seus alunos? Estas questões são relevantes para entendermos e descobirmos como o conteúdo filosófico deve ser abordado em turmas de alunos que sequer compreenderem o porquê de estarem estudando filosofia. Uma disciplina abstrata e sem qualquer relação direta com os diferentes campos de profissionalização.

A Lei de Diretrizes e Bases deixa claro que o ensino de filosofia deve proporcionar aos alunos um pensamento crítico e base para afirmação da cidadania, mas como isso será feito, dando aulas de história da filosofia ou incitando o filosofar? Estas metodologias têm sido alternadas mediante a preferência do professor, porém será que tais métodos suprem o que pede a LDB? Cremos que tais métodos isolados não dariam base de conhecimento para o aluno ter autonomia nos seus pensamentos. Supõe-se que certas práticas de ensino estão erradas, pois utilizam métodos arcaicos nos quais o professor limita-se a reproduzir partes desconexas da história da filosofia, ou entabular conversas quase como uma autoajuda, sem bases filosóficas para sustentar o argumento. Neste trabalho argumentaremos a favor de alguns procedimentos que julgamos ser o mais adequado para um ensino convincente da filosofia. Cremos que a junção da posição defendida por Kant, insistindo que se deve ensinar a filosofar, não a filosofia, com a posição assumida por Hegel, defendendo uma apresentação da história da filosofia, pois isto daria bases para o estudante iniciar o seu filosofar, consiste na combinação ideal para o ensino da filosofia.

DIAGNOSTICANDO PROBLEMAS

É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras do jogo. FOUCAULT

O nosso artigo tomou como ponto de partida as observações realizadas nas aulas de filosofia, quando do estágio pedagógico exigido pelas licenciaturas. Fomos à sala de aula munidos da seguinte pergunta: As aulas de filosofia se limitam a transmitir conceitos retirados da história da filosofia ou conseguem desenvolver nos alunos a capacidade de filosofar com autonomia? Carregávamos a expectativa de encontrarmos algo diferente do que tem sido denunciado há séculos pelos filósofos a respeito do ensino da filosofia. Porém, encontramos uma prática pedagógica preocupante e que nos leva a refletir com Nietzsche:

O que importa aos nossos jovens a história da filosofia? Talvez a confusão das opiniões deve desencorajá-los de ter opiniões? Devem aprender a unir a própria voz em júbilo pelos nossos magníficos progressos? Ou devem talvez, de uma vez por todas, aprender a odiar a filosofia e desprezá-la? Seríamos induzidos a pensar nessa última possibilidade, considerando que martírio é para o estudante, nos seus exames de filosofia, imprimir no seu

pobre cérebro as idéias mais sutis e mais loucas do espírito humano, ao lado daquelas maiores e mais difíceis de compreender. A única crítica de uma filosofia, que é possível e que também demonstra algo, ou seja, tentar viver segundo ela, nunca foi ensinada nas universidades: mas sempre a crítica das palavras às palavras (NIETZSCHE, 1999, p. 24).

Devemos destacar que a metodologia utilizada para transmitir os conteúdos filosóficos, consiste em copiar as informações no quadro para uma explicação posterior. Reproduz-se uma metodologia arcaica, uma caricatura da filosofia: o professor, munido do texto e voltado para o quadro, impõe aos alunos a obrigatoriedade de copiá-lo. Dessa forma, as aulas se realizam exatamente como uma negação do que concebemos como ensino de filosofia, sem vida, sem criatividade nenhuma para melhor transmitir e com isso conduzir os alunos ao plano reflexivo.

Não há qualquer ligação daqueles conteúdos com a realidade dos alunos ou com aspectos da contemporaneidade. Uma mera transmissão de conteúdos eruditos da filosofia, desvolvidos como pura abstração. As aulas não empolgam, não despertam participações ou questionamentos. Funcionam como um mundo completamente estranho ao mundo real. Não dizia respeito há absolutamente nada.

Temos como resultado que os alunos não compreendem os temas ministrados, os problemas propostos e, por tal razão, a maioria permanece indiferente e os poucos que prestam atenção, com o semblante interrogativo, denunciam sua incompreensão.

E agora se pense em uma mente jovem com pouca experiência da vida, na qual são armazenados cinquenta sistemas resumidos em palavras e cinquenta críticas dos mesmos, um ao lado do outro – que desolação, que barbaridade, que desprezo por uma educação para a filosofia! Efetivamente o jovem, como, além disso de admite, não é de fato educado para a filosofia, mas ao contrário, para um exame filosófico: cujo resultado é de costume e de hábito, que o examinado – talvez examinado demais – confesse a si mesmo com um suspiro aliviado: “Deus seja louvado, porque não sou um filósofo, mas um cristão e cidadão do meu Estado” (NIETZSCHE, 1999, p. 25).

Julgamos que se o professor de filosofia procurar aplicar aquilo que diz a legislação, já terá um diferencial no aprendizado, ao fazer circular no âmbito do aprendizado os desafios do cotidiano, pois Segundo a lei de diretrizes e base no artigo 35, o professor de filosofia deverá proporcionar “aprimoramento do educando como pessoa humana a formação ética e o desenvolvimento da autonomia

intelectual e do pensamento crítico” (inciso III). Mas se ao perguntar o aluno recebe como resposta uma explicação repetitiva sobre o tema, sem qualquer esforço do professor para aproveitar estas oportunidades e gerar o dinamismo do filosofar, refletindo acerca do tema norteador da exposição e sua relação com problemas cotidianos.

A falta de relação entre a filosofia apresentada a partir da sua história e os desafios cotidianos, o que poderia ser um atrativo para os alunos, constitui mais uma barreira para a aproximação dos docentes das aulas de filosofia. Esta fica sempre na dependência da aula anterior ou posterior, isto é, se as aulas que antecedem ou seguem as aulas de filosofia forem de disciplinas julgadas como importantes, os alunos talvez apareçam.

Devemos atentar para estas realidades, pois estamos retornando ao Ensino Médio e temos a responsabilidade de construir um espaço adequado para a filosofia, na qual ela se justifique por si mesma, a medida que se constitua como um instrumento indispensável para leitura da realidade e dos nossos desafios. Acreditamos que com uma boa metodologia que conduza os alunos a participarem de pequenos debates, estabelecendo pontes entre a história da filosofia e a realidade atual, tornaria as aulas mais interessantes e com rendimentos mais satisfatórios em termos de construção de um pensamento crítico.

Qualquer debate sobre a realidade pode ser ampliado com paralelos construídos com clássicos do pensamento como Platão e outros pensadores que divergem da sua abordagem. O importante é fazer com que os alunos debatam os temas, analisem as diferentes respostas apresentadas ao longo da reflexão e sintam a filosofia como resultado de uma construção dialógica entre a tradição histórica e a realidade contemporânea.

Parte considerável da realidade das salas de aula de filosofia aqui apresentada decorre da formação oferecida nas graduações de filosofia, pois os professores no Ensino Médio reproduzem o que recebem nas graduações: ensino focado na transmissão de conteúdos e pouca preocupação com construir mecanismos que possibilitem um filosofar autêntico. Como fatores negativos decorrentes dessa compreensão do que é ensinar filosofia, temos a não realização dos objetivos projetados para o ensino de filosofia pelos discursos pedagógicos e políticas governamentais.

Testemunhamos que os alunos desejam envolver-se com a reflexão e com o debate, desde que sintam que isto diz respeito a sua vida. Afastariamos assim o que o senso comum pensa a respeito do aluno que questiona e pergunta: aluno chato, que atrapalha a aula e dificulta a aprendizagem. Esta visão distorcida deverá ser afastada pela construção do filosofar e reproduzida pelo discente de filosofia.

Insistimos em afirmar que o filosofar deve tomar como base os clássicos, pois esse será o canal e ao mesmo tempo garantia para uma reflexão consistente e renovadora. Cerletti diz: “para que haja novidade, para que algo possa surpreender e desafiar os estudantes a pensar, e também ao professor, é preciso um plano inicial que se veja desdobrado, deve estar presente um conjunto de saberes programados que sejam interpelados. (Cerletti, p. 83). Com isso, será de extrema necessidade que nas aulas de filosofia o professor crie e recrie situações que contribua para o espanto, sem esse não adiantara se aprofundar na filosofia ou no seu ensino.

AS RAÍZES HISTÓRICAS DOS PROBLEMAS

Refletindo sobre essa realidade da filosofia no Ensino Médio, somos sempre guiados por uma incomodação: como se aplicar uma filosofia que seja ao mesmo tempo didática e estritamente filosófica? Antes de tentar esboçar alguma resposta é necessário acompanhar um pouco do histórico da filosofia no ensino regular. Após séculos de importância no cenário acadêmico, a filosofia começa a enfrentar a concorrência das ciências empíricas. Esta passa a ser vista com suspeição e em alguns espaços experimenta mesmo a marginalização. No Brasil o cenário é ainda mais complicado, pois a filosofia não tem uma tradição consolidada e teve que enfrentar os dissabores de nossa história política recente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), prevista na Constituição de 1946, só foi colocada em prática no final de 1961, durante o governo de João Goulart. A Lei 4024/61 tinha como uma de suas orientações a não obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia. Pouco mais de dois anos depois, em março de 1964, o golpe militar e a ditadura provocaram novas mudanças. As escolas públicas de ensino médio foram sendo levadas em direção a um modelo instrumental de ensino, no qual o resultado e o pragmatismo eram o foco. Em 1968, a filosofia foi retirada de todos os vestibulares do país e, em 1971, a Lei 5692/71 elimina de vez filosofia e sociologia da grade curricular do Ensino Médio, substituindo-as por organização social e política brasileira (OSP). (CORNELLI, 2010 p. 14).

Dessa forma, a filosofia passou por um processo de idas e vindas, decorrente de questões políticas e ideológicas, e teve sua consolidação no ensino regular prejudicada por causa da ausência forçada. A filosofia foi marginalizada e excluída da grade curricular, sendo o processo do filosofar em salas de aula trocado por uma metodologia mecanicista limitadora da reflexão. Este foi um tempo onde à adoração à ideologia militar e o gesso da disciplina organização social e política brasileira (OSPB) imperava, estes eram tempos de trevas para a filosofia no Brasil, mediante a isso, questionar era, se a questão englobasse as práticas governamentais do regime ditatorial vigente no país, um crime, assim a reflexão e o salto para o saber esteve, por assim dizer, amarrado por grilhões que levaram anos para serem retirado por completo. No ano de 1982, já com o regime militar desgastado, a filosofia volta para a grade curricular como optativa, mas apenas algumas escolas particulares se atreviam a lecioná-la, no sistema educacional público ainda era um sonho o seu retorno.

Com a chegada dos militares ao poder, no golpe militar de 1964, a filosofia passou a ser questionada quanto a sua utilidade e este rotulo de inútil levou anos para ser modificado, mas para tal mudança a Lei de Diretrizes e Bases teve que ser alterada para melhor atender a situação de abandono, porém esta mudança ainda ineficaz para o retorno de filosofia mostrava-se como um paliativo, pois esta mudança apenas trataria do caso sem trazer uma cura efetiva.

Segundo a Lei de nº 9.394/96 o estudante ao terminar o ensino médio deverá “dominar os conteúdos de filosofia e sociologia necessários ao exercício da cidadania” (artigo 36), (BRASIL, Lei nº 9.394/1996, Art. 36), só que esta recomendação coloca-a como tema transversal, isto é, seu conteúdo pode ser trabalhado a partir de outras disciplinas. Mas nos perguntamos: como ser filosófica sem ser filosofia? Entendemos que a filosofia tem a capacidade metodológica de utilizar elementos do cotidiano e transformá-los em conteúdo de reflexão, isto é, filosofar a partir deles. Diferente de outras abordagens, a filosofia prima pelo recorte abstrato da realidade, não se confunde com qualquer outra disciplina com suas especificidades. Daí entendermos que não é viável apresentá-la de modo transversal. A lei teve o efeito positivo para se constatar a necessidade de uma disciplina de caráter reflexivo, capaz de ir em frente problematizar, investigar, argumentar, enfim de se pensar de forma crítica e autônoma, mas ainda não solucionava o problema da ausência da filosofia.

O movimento em prol da volta da filosofia recebeu um forte impulso em 2000, a partir do projeto do deputado petista Pe. Roque Zimmermann, representante parlamentar do Estado do Paraná, ele elaborou a PL 009/2000. Esta tornaria obrigatório o ensino de filosofia e sociologia nas escolas públicas do país, mas o então presidente e sociólogo Fernando Henrique Cardoso não sancionou o projeto, com o argumento de que não haveria recursos e nem profissionais capacitados suficientes para suprirem a demanda que a introdução dessas disciplinas causaria. Com isso a volta da filosofia foi adiada mais uma vez. Em junho de 2008, na presidência de Lula, entra em vigor a Lei nº 11.684, a partir dela a filosofia volta finalmente à grade curricular, tornando-se obrigatória em todas as escolas públicas do país.

Com esta demorada, porém importante volta da filosofia, surge um problema pedagógico e metodológico: resta saber o que e como ensinar, tendo em vista a urgência em responder às necessidades do mercado e o acento pragmático das outras disciplinas? Esta talvez seja a pergunta chave para um bom ensino de filosofia.

Perguntamos-nos como ensinar filosofia e contornar este pragmatismo, desenvolvendo a dimensão reflexiva nas mentes jovens? É com certeza fator de extrema relevância chegar-se a um consenso sobre como se levará os conteúdos e quais conteúdos se deverá levar a estes alunos acostumados com o pragmatismo. Ensinar filosofia ou ensinar a filosofar? História da filosofia ou temas do cotidiano com uma abordagem filosófica? Tem sido esse o dilema ante o qual nos encontramos.

A Lei de diretrizes e bases acentua que todo aluno do Ensino Médio ao ter contato com o ensino de filosofia deva vir a dominar conhecimentos necessários para desenvolver experiências de pensamentos e ter uma capacidade reflexiva aguçada, isto é, aprimorar uma visão crítica do cotidiano que os rodeia:

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. Propõe-se, no nível do ensino médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização (BRASIL, SEMTEC, 1999a, p.14).

O ensino de filosofia terá necessariamente a obrigação de proporcionar aos estudantes a capacidade de tomar decisões com base em suas análises e reflexões, ser capaz de criticar, argumentar, responder, raciocinar e encontrar soluções pra os seus próprios questionamentos. O educando do ensino médio dotado de um pensamento filosófico usufruirá de capacidade autônoma, fazendo com que este seja pautado na cidadania, respeitando as diferenças e as múltiplas realidades do mundo a sua volta, estas ferramentas elementares para o desenvolvimento do filosofar proporcionara uma relação do professor com o aluno e as coisas do mundo cotidiano, assim não demorará, para que o aluno se espante com uma realidade até então nunca vista, pois ainda não havia sido guiado pelo professor filósofo e seus espantos. Este espanto diante do óbvio é o que guiara os alunos do Ensino Médio pelo caminho do pensamento, da reflexão, e os conduzirá à construção de um conhecimento que os ajudará no seu aprimoramento como cidadão.

FILOSOFIAS E ENSINO DE FILOSOFIA

O ensino de filosofia nas escolas tem despertado muitos questionamentos acerca da efetivação do ensinar, pois na filosofia não dispomos de um texto único, como um manual com conteúdo uniformizado. Realidade esta já diagnosticada por pensadores das mais diferentes áreas da filosofia e apontada tanto nos seus fatores positivos quanto negativos:

Em história, Filosofia e nas Ciências Sociais, a literatura dos manuais adquire uma significação mais importante. Mas, mesmo nessas áreas, os cursos universitários introdutórios utilizam leituras paralelas das fontes originais, algumas sobre os “clássicos” de pesquisas mais recentes que profissionais do setor escreveram para seus colegas. Resulta assim que o estudante de cada uma dessas disciplinas é constantemente posto a par da imensa variedade de problemas que os membros de seu futuro grupo tentarão resolver com o correr do tempo. Mais importante ainda, ele tem constantemente frente a si numerosas soluções para tais problemas, conflitantes e incomensuráveis – soluções que, em última instância, ele terá que avaliar por si mesmo (KUHN, 1978, p. 207).

Tal constatação traduz um desafio na forma do dilema já anunciado entre ensinar filosofia ou colocar as bases para um filosofar. Kant traduziu esse dilema da seguinte forma: “não se ensina filosofia, se ensina a filosofar”:

Só se é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os (Kant, 1973, tomo II, p 401).

Partindo desse pressuposto, o ensino de filosofia nas escolas deveria ter como meta o alcance do filosofar por parte dos alunos. Mas nos perguntamos, isso é possível?

Outro filósofo que se debruçou na questão sobre o ensinar filosófico foi Hegel, que ao pensar no ensino de filosofia percorreu um caminho contrário ao de Kant. Ele afirma que o importante não é o filosofar e sim tornar o estudo de filosofia em um estudo comparado com uma ciência qualquer, como matemática, por exemplo. Ele valoriza o ensino da filosofia desde que seja apresentado como história da filosofia, na qual a transmissão dos conteúdos formulados pelos antigos e presentes na história da filosofia será mais importante que a reflexão com temas. Mas Kant diz: “Aquele que quer aprender a filosofar, pelo contrário, só pode considerar todos os sistemas de filosofia como história do uso da razão e como objetos para o exercício de seu talento filosófico” (Kant, I, 1943, p. 46).

Kant com essas palavras ressalta que o importe não é apenas conhecer a história da filosofia, mas sim compreender e alcançar o estado de filósofo, do contrário este ensino não poderá ser considerado ensino de filosofia. Argumenta ainda que “em geral, não se pode chamar de filósofo a quem não saiba filosofar. Mas só se pode aprender a filosofar por exercício e pelo próprio uso da razão” (Kant, I, 1943, p. 46).

Problematizando essas posições anteriores, visivelmente contrárias, julgamos ser importante definir de onde vem o filosofar? Estarão os alunos filosofando ao ler os diálogos platônicos ou os textos de Aristóteles? Seria essa meta alcançada apenas com história da filosofia? Aparentemente não, pois muitos ouvem falar de filosofia, chegam até a ler, mas falta-lhes um direcionamento causador do espanto, o verdadeiro possibilitador do filosofar, pois “podemos dizer, com nossas palavras, que o filósofo não é alguém que se espantou uma vez e começou a filosofar, mas alguém que se espanta sempre”(GOTO, Pg 99). Entendemos que esse espanto causador é de suma importância para que o professor filósofo possa conquistar seus objetivos de ensinar o filosofar.

O professor é aquele que conduz, que aponta o norte, o sul, e depois diz ao aluno: “Vire-se você, faça o seu próprio caminho”. Nietzsche dizia que um bom mestre é aquele que ensina aos alunos a se desligarem dele. Então é preciso ensinar as pessoas a se desligarem de seus mestres, a serem mestres de si mesmos. É um estranho paradoxo, mas nós, professores, somos feitos para não existir. O que interessa é que as pessoas tenham uma relação direta com a filosofia, na qual eu serei apenas um mediador. Eu sou feito para desaparecer (ONFRAY, 2002, p. 4).

Como aprendizado essencial para se despertar o filosofar, apontamos a ampliação do estado de reflexão dos alunos. Se espantar, no sentido filosófico, com as questões do dia a dia, constitui uma boa alternativa para que o bom professor de filosofia possa trabalhar. Surge outra questão pertinente, o que é um bom professor de filosofia? Esta pergunta anseia por resposta. Será este professor bom por deixar a turma conhecedora dos clássicos da história da filosofia? Ou este será bom por deixar a turma reflexiva com o auxílio de temas específicos coletados do dia a dia? Ante as incertezas observa-se que, no momento o melhor é não descartar nenhuma possibilidade, inclusive a que aparentemente é a mais sensata, que é a do uso da história da filosofia e dos temas atuais, construindo uma ponte entre ambas e permitindo o aflorar do filosofar, sem incorrer no risco de debates estéreis sobre temas atrativos, mas que não constituirão a consolidação de um saber filosófico necessário:

Os professores de filosofia esperam legitimamente da escola que ela torne o ensino de filosofia pelo menos possível – cabe a eles torná-lo vivo. E verdade que essa incumbência que é nossa se choca cada vez mais, no terceiro colegial e em outras turmas, contra certo número de evoluções inquietantes: a crescente incultura dos alunos, seu domínio deficiente da língua escrita, a desvalorização (de parte deles, mas também, infelizmente de muitos colegas) da abstração e do trabalho conceitual, o culto ingênuo da vivência do concreto e da espontaneidade... Tudo isso ameaça, é verdade, tornar em breve nosso ensino quase impossível – ou, em todo caso, sem efeito – e fazer nossas aulas não mais um lugar de reflexão e trabalho mas, como já se diz, de intercâmbios, de animação, de comunicação... Os debates de opiniões substituiriam então o estudo dos textos, a impaciência presunçosa dos falsos saberes triunfaria sobre a paciência do conceito e a filosofia se apagaria, enfim, diante de uma *filodoxia*... Seria o triunfo dos sofistas e do *grande animal* (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 135).

Um teórico moderno dessa problemática, Guillermo Obiols, argumenta a favor da junção das duas visões, propondo o desenvolvimento da reflexão através dos textos antigos, isso constituiria o desenvolvimento de um filosofar genuíno e duradouro. Isso possibilitará um melhor aprendizado dos alunos, deixando a filosofia mais atrativa. Porém é sempre prudente lembrar a advertência de Hegel, “é

especialmente necessário que a filosofia se converta numa atividade séria. Para todas as ciências, artes, atitudes e ofícios, vale a convicção de que sua posse requer múltiplos esforços de aprendizagem e de prática” (G.W.F. Hegel, 1966 p. 44). Pensamos que o ensino da filosofia não deve se isolar em uma única vertente, pois todos os esforços devem ser somados para que a filosofia seja ensinada e respeitada, se tornando atrativa para aqueles que a estudam.

Devemos atentar também para formação dos professores, pois estes serão o canal de transmissão da filosofia no Ensino Médio, aqueles que serão responsáveis por levar os alunos ao filosofar. Como apresentará os conteúdos aos alunos? Esses professores demonstrarão algum tipo de tendência filosófica? O que se sabe a respeito desses nuances? Leiamos o testemunho de Jorge Larrosa:

Cada um de nossos professores nos transmitiu a “sua biblioteca”. Mas também nos transmitiu uma forma de ler seus livros e uma forma de fazer pública essa leitura e, portanto, essa interpretação. Isso é o que nos “formou” em grande medida como filósofos ou filósofas e como professores ou professoras de filosofia (Cerletti, 2009, p.59).

Cerletti afirma que o professor ao se deparar com a turma refletirá aquilo que ele foi como aluno, se ele como aluno alcançou o nível de reflexão filosófica esperado por seu professor este estará apto para um bom desempenho como discente nas salas de aula que ele enfrentará, e a partir daí terá mais chance de conduzir os seus alunos ao estado que ele alcançou. Porém, os professores de filosofia enfrentarão bons desafios para poder desenvolver nos seus alunos a dimensão da reflexão, pois disporão de pouco tempo de aula para apresentar os temas, há também todo o tempo que a filosofia passou fora da grade curricular e os alunos não estão habituados à reflexão mais abstrata. Há ainda uma desconfiança sobre a mesma em relação a sua pouca aplicabilidade e resultados. O professor além de se preocupar com o estado de reflexão dos alunos terá também a preocupação de justificar a sua importância e permanência nas escolas.

Por estes e outros motivos o ensino de filosofia na escola torna-se um grande desafio que exigirá de todos os docentes e discentes de filosofia seu máximo de empenho e carinho com essa causa. Daí a importância de se buscar um equilíbrio entre diferentes compreensões sobre o ensino da filosofia para que efetivamente se possam realizar os seus propósitos.

Muito se espera da filosofia no ensino médio, mas ao mesmo tempo não se sabe bem o que se deve esperar do ensino de filosofia:

Mas podemos voltar à indagação para nós mesmo, convertendo na seguinte questão: O que aprendemos com a filosofia? OU: o esperamos que ela nos ensine? Neste caso, será de nossa relação com a filosofia que extrairemos, digamos assim a resposta sobre seu ensino (GOTO, 2007 Roberto Pg 96).

A partir desse debate, e da relação construída a partir dele, é que começará a encontrasse o caminho para o bom ensino, ensino este que seja de fato um ensino reflexivo através da relação com a historia da filosofia.

O saber do professor filósofo nunca poderá ser um saber pronto e acabado, mas sim um saber que nunca se sabe o bastante pra que não se possa aprender. Daí o professor filósofo estará filosofando junto com seus alunos, e não apenas só o professor e nem só os alunos, mas sim ambos que compõem a sala de aula.

Walter Koran diz:

Um professor que apenas reproduza, que apenas diga de novo aquilo que já foi dito não é, de fato, um professor de filosofia; o professor de filosofia é aquele que dialoga com os filósofos, com a historia da filosofia e, claro, com os alunos, fazendo da aula de filosofia algo essencialmente produtivo. Portanto, a filosofia não é produzida numa parte e ensinada noutra, ela é sempre produzida e ensinada ao mesmo tempo. (Obiols, 2002 p. 101.)

Por esses muitos motivos é necessário o maximo de seriedade entre os que almeja por conduzir o ensino de filosofia a um patamar mais solido e respeitado. Discutir sim, mas de forma construtiva para alcança um consenso de o que e como se ensinar nas aulas de tempo tão curto que se tem no ensino médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como foco da nossa reflexão as dificuldades do ensino de filosofia nas escolas públicas, observou-se que a idas e vindas da filosofia na grade curricular, ajudaram a deixar o ensino desta disciplina ainda mais precário no que diz respeito à qualidade dos profissionais e as metodologias empregadas para este ensinar. As mais diferentes tendências políticas e ideológicas que debateram sobre a necessidade ou não do ensino da filosofia no ensino médio, ora colocando-a ou retirando-a da grade curricular, geraram parte dos problemas que hoje estamos enfrentando: falta de metodologia adequada para o seu ensino, desacordo em

relação aos conteúdos a serem ministrados. Tudo somado, acabou enfraquecendo o potencial transformador da filosofia, pois um grande número de profissionais procuram um norte metodológico e de conteúdo, não conseguindo cumprir o que pede a LDB acerca do ensino filosofia. Os professores licenciados ora dão aulas de história da filosofia ou ora dão aulas de autoajuda. No entanto, julgamos que uma chance para o ensino adequado de filosofia passa pela assunção das posturas defendidas a seu tempo por Hegel e Kant, isto é, uma proporcional dose de história da filosofia, combinada com uma estimulação pertinente ao filosofar. Essa dosagem equilibrada poderá proporcionar uma base filosófica adequada para que os alunos trilhem o percurso necessário para o filosofar. Este casamento entre a história da filosofia e os temas do cotidiano poderão levar os jovens estudantes ao espanto e conseqüentemente ao salto que é o filosofar.

Com base na observação macro da questão, vale salientar que não é só o próprio estatuto da filosofia que a deixa fragilizada frente a outras disciplinas tidas como mais importante ou tradicionais, tem também a forma como ela está voltando. Em pelo menos a maioria das escolas públicas do país a disciplina tem apenas uma aula por semana e com isso fica a pergunta: pode pois o professor filósofo dar uma boa aula de filosofia em 45 ou até 30 minutos? Com base no que é visto, arrisco-me a responder um sonoro não, pois o tempo é curtíssimo para que se apresente uma série de conceitos filosóficos e que através desses os alunos possam vir a filosofar, mas conclui-se mesmo sendo o tempo pouco, o ensino não deve se limitar a apresentar a filosofia de qualquer jeito, sem emoção e vontade, pelo menos o filósofo professor tem que demonstra interesse pela filosofia e incentivar a turma a ter o mesmo desejo.

ABSTRACT

In this work we present a questioning of how philosophy has been taught and how , according to the theorists cited here , it should is being presented to high school students . Show part of the story Of the teaching of philosophy in the country, she had a way of ups and downs and twists and turns to public education in Brazil . The teaching of philosophy in Brazil had its reasoned the Law of Guidelines and Bases (LDB) 1946 fragility, as she has understood the discipline of philosophy as of little importance , and over the years no longer compulsory in vestibular and Grill curriculum . We will also consider the historical debate between the views of Kant and Hegel should be like the teaching of philosophy , for to them in their philosophical perspectives , this teaching requires more care by the content

contained therein . Argue in favor of the stance of the philosopher as teacher should behave in front of the needs presented by the recent return of philosophy to public schools .

Keyword : Secondary . Philosophy . Teaching Methodology .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Autentica Editora, 2009.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Uma educação filosófica**. São Paulo: Martins Fonte, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos, V. II. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- GALO, Silvio, DANELON, Márcio, Cornelli, Gabriele, - Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. (Edção filosofia e Ensino: 6).
- HORN, Geraldo Balbino. **Ensinar Filosofia: Pressupostos Teóricos e Metodológicos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.
- BRASIL.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Leis e Decretos. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da Educação Nacional.
- KUHN, **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- NIETZSCHE, **Schopenhauer educador**, Trad. Adriana Maria Saura Vaz. Campinas: FE/ Unicamp, 1999 (mimeo).
- OBIOLS, Guilherme. **Uma Introdução do ensino da filosofia**. Trad. Silvio Galo. Ijuí: Ed Unijuí, 2002.
- ONFRAY, Michel. Folha de São Paulo, 17 de Dezembro de 2002. Caderno Sinapse, p. 4 – 5. Entrevista a Alcino Leite Neto.
- BRASIL. (1999). Ministério da Educação – MEC, Secretaria de educação Média e Tecnológica – Semtec. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtec, 1999^a.
- CORNELLI, Gabriele. Filosofia: ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. 212 p. (Coleção Explorando o Ensino; V. 14).
- TRENTIN, Renê. GOTO, Roberto. **A filosofia e Seu Ensino caminhos e sentidos**. São Paulo: Edição Loyola, 2009.